

UM ENSAIO DE SOCIOLOGIA URBANA SOBRE SETÚBAL

Apresenta-nos CARLOS VIEIRA DE FARIA um ensaio de sociologia urbana (1), resultado do trabalho de pesquisa, realizado desde 1975 sob a orientação de M. CASTELLS, para a obtenção do diploma da «Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales».

O estudo divide-se em três grandes capítulos antecidos por uma introdução (p. 13) e é encerrado por uma conclusão onde se sistematizam e se analisam comparativamente, com a aglomeração de Dunquerque, os resultados empíricos da pesquisa (p. 171). Segue-se uma bibliografia (p. 187), onde será de destacar a parte respeitante à cidade de Setúbal (p. 190).

O primeiro capítulo: «Características Globais do Modo de Produção Capitalista em Portugal» (p. 21), dedicado à evolução das forças produtivas e às transformações sofridas pelo capital a nível nacional, desde a fase pré-capitalista (ou, mais concretamente, de apropriação da renda fundiária e sua transformação em renda capitalista) até à fase de capitalismo monopolista, apenas pretende enquadrar historicamente, no contexto do país, as modificações de carácter funcional, morfológico e social, surgidas no seio da aglomeração de Setúbal.

No segundo capítulo aborda-se a produção do espaço industrial, integrando-se Setúbal no contexto do desenvolvimento da Área Metropolitana de Lisboa e insistindo-se sobre o reforço da centralidade da capital e dos fenómenos de suburbanização polarizados por esta. Segue-se uma periodização do processo de industrialização de Setúbal até 1960 (p. 45), de que sobressaem dois aspectos: o seu carácter mono-industrial até aos anos 60, já que o ramo conserveiro domina toda a estrutura industrial (apesar da instalação, em 1906 e 1926 respectivamente, da Secil e da Sapec), e uma tentativa de projecção regional encetada pela média burguesia comercial e portuária que não teve continuidade por colidir com os interesses da classe no poder e não gozar de uma conjuntura internacional favorável. Por último, desenvolve-se a formação, a partir da década de 60, de uma unidade de produção complexa e dependente (p. 55). «A interpretação crescente dos processos técnicos de trabalho, a estrita imbricação financeira entre as grandes empresas e a articulação do

(1) *Novo Fenómeno Urbano. Aglomeração de Setúbal. Ensaio de Sociologia Urbana*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1981, 196 p. il. (Textos de Ciências Sociais; 18).

Estado com esta nova lógica» (p. 56), constituem as características essenciais das condições de reprodução do capital que, a partir de 1960, domina a actividade económica (industrial) de Setúbal. Distinguem-se, aqui, duas fracções resultantes da dicotomia gerada pela crescente centralização e concentração do capital: uma, dominante, ligada aos grandes grupos económicos, desde o sector monopolista integrado a um conjunto de grandes empresas, e outra, de carácter local, constituída pelas pequenas e médias empresas (remetidas para ramos complementares da grande empresa, onde as taxas de lucro são menos elevadas), o sector agrícola e a fracção do capital portuário.

Os meios de produção são objecto de uma rápida análise (p. 68) que incide sobretudo sobre os equipamentos industriais produtivos e a rede de transportes, procurando-se o impacto da organização das actividades económicas no seio da aglomeração. A força de trabalho (p. 74) e sua caracterização demográfica (p. 84) está, quanto a nós, um pouco desligada de todo o estudo já que, pelo tratamento que tem, não merecia ser apresentada separadamente mas sim integrada quer na análise do crescimento da aglomeração urbana (p. 103) quer na do crescimento industrial. Concomitantemente, a reduzida informação em dados demográficos, principalmente na sua desagregação espacial, e a grande dependência do autor face a uma única fonte indirecta (*Plano Concelho*, C. M. S., 1977), são factos que apoiam a nossa proposta.

O último capítulo: «Produção do Sistema Urbano» (p. 95) é constituído por uma parte inicial de enquadramento teórico onde concorrem explicitamente as obras de CASTELLS⁽²⁾ e de LOJKINE⁽³⁾ (p. 99). Aqui importa destacar o conceito de *sistema urbano*. «Toda a aglomeração urbana encarna e reproduz os elementos estruturais que integram a realidade social de que faz parte» (p. 101). Sendo a estrutura social a combinação das instâncias económica, política e ideológica e decompondo-se estas em elementos, o estudo da aglomeração urbana, definida como sistema, não é mais do que o estudo das relações existentes entre estes. A instância económica comporta os elementos Produção, Consumo e Troca e o seu estudo é materializado nas questões relacionadas com a habitação, desde a procura (p. 106) à produção de alojamentos (p. 109), e com os transportes urbanos (p. 126). A instância político-institucional articula-se com o urbano através do elemento Gestão que, por sua vez, ordena as relações entre os restantes elementos (p. 102). O seu estudo é concretizado no planeamento urbano (p. 133). A instância ideológica especifica-se a nível das formas espaciais através do elemento Simbólica (p. 102), estudado pela composição social do espaço urbano (p. 155) e do «centro-cidade» como espaço vivido (p. 164).

Este estudo constitui a primeira experiência de aplicação, para um caso português, do suporte conceptual teórico desenvolvido por autores como CASTELLS e LOJKINE, sendo assim de relevar, entre nós, o seu carácter inovador na abordagem do fenómeno urbano. Observamos no entanto que estando a

componente espacial, enquanto produto da estrutura social, presente na maior parte do trabalho, ela não é devidamente tratada no sentido de clarificar pela confrontação empírica muitos dos problemas lançados ao longo do texto. Fica-se, assim, por uma descrição fornecedora de inúmeras pistas para futuras investigações mas onde se denota uma grande falta de meios técnicos e de meios de informação para tornar as conclusões seguras e verosímeis. Não se quer com isto dizer que o estudo fique invalidado pela ausência das técnicas. O papel de comando da teoria é inegável e o método seguido extremamente correcto. Trata-se, isso sim, de não se cair num formalismo desligado da realidade e de não se correr o risco de que as nossas preocupações teórico-metodológicas resvalam, a certa altura, para o terreno de que nos queremos afastar.

JOSE OLIVEIRA

(²) *La Question Urbaine*, Paris, Maspéro, 1973 (existe em tradução espanhola: *La Cuestion Urbana*, Madrid, Siglo Veintiuno, 1976, 430 p.) e, em colaboração com FRANCIS GODARD: *Monopolville: l'Entreprise, l'Etat, l'Urbain*, Paris, Mouton, 1974.

(³) *Le marxisme, l'Etat et la Question Urbaine*, Paris, PUF, 1977.